



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

ANA LUIZA SILVA AZEVEDO DOS SANTOS

**PERCEPÇÃO DOS GRADUANDOS DE PEDAGOGIA SOBRE A PRODUÇÃO DE
TEXTOS HÍBRIDOS POR ESTUDANTES E INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL:
facilidades e desafios**

Brasília - DF

2026

ANA LUIZA SILVA AZEVEDO DOS SANTOS

**Percepção dos graduandos de Pedagogia sobre a produção de textos híbridos por
estudantes e Inteligência Artificial:
facilidades e desafios**

Artigo apresentado ao curso de Pedagogia da
Universidade de Brasília como requisito parcial
para a obtenção do título de Licenciada em
Pedagogia.

Orientador: Prof. Dr. Carlos Alberto Lopes de
Sousa.

Brasília - DF

2026

CIP - Catalogação na Publicação

S237p Santos, Ana Luiza Silva Azevedo dos .
Percepção dos graduandos de Pedagogia sobre a produção de textos híbridos por estudantes e Inteligência Artificial: facilidades e desafios / Ana Luiza Silva Azevedo dos Santos;

Orientador: Carlos Alberto Lopes de Sousa. Brasília, 2026.
44 f.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação - Licenciatura em Pedagogia) Universidade de Brasília, 2026.

1. Inteligência Artificial. 2. Escrita acadêmica. 3. Textos híbridos. 4. Integridade Acadêmica.. I. Sousa, Carlos Alberto Lopes de, orient. II. Título.

Ana Luiza Silva Azevedo dos Santos

**PERCEPÇÃO DOS GRADUANDOS DE PEDAGOGIA SOBRE A PRODUÇÃO DE
TEXTOS HÍBRIDOS POR ESTUDANTES E INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL:
facilidades e desafios**

Data da aprovação: 18 de dezembro de 2025.

Banca Examinadora

Prof. Dr. Carlos Alberto Lopes de Sousa - (Orientador)
Departamento de Teorias e Fundamentos - FE/UnB

Prof. Dr. Juarez Jose Tuchinski dos Anjos (TEF/FE) (Titular)
Departamento de Teorias e Fundamentos - FE/UnB

Profª. Dra. Ana Raquel Costa Dias (TEF/FE) (Titular)
Departamento de Teorias e Fundamentos - FE/UnB

RESUMO

O presente artigo tem como objetivo compreender criticamente a percepção de graduandos do curso de Pedagogia sobre a apropriação da Inteligência Artificial em texto híbrido (IA e estudante) em trabalhos realizados na universidade no que tange à integridade acadêmica. A pesquisa procura identificar, de maneira prospectiva, quais as facilidades e os desafios para produzir textos híbridos segundo a percepção dos estudantes, além de expor a importância da integridade acadêmica no contexto das universidades. A investigação é de caráter qualitativo, utilizando o método de análise de conteúdo de Laurence Bardin (1977) a partir de entrevistas realizadas com 10 estudantes de graduação em Pedagogia da Universidade de Brasília. Ao analisar os resultados das entrevistas foi possível identificar 12 desafios e apenas 4 facilidades indicados pelos estudantes para a escrita de textos híbridos (IA e estudante) em trabalhos na universidade, criando um cenário propício para gerar diversos problemas de integridade acadêmica e científica. Assim, conclui-se que o emprego da Inteligência Artificial Generativa, apesar de cada vez mais frequente, ainda necessita urgentemente de orientações e regulamentações para o seu uso adequado na escrita de textos acadêmicos nas universidades.

Palavras-chave: Inteligência Artificial. Escrita acadêmica. Textos híbridos. Integridade Acadêmica.

ABSTRACT

The present article aims to critically understand the perception of undergraduate students in the Pedagogy program regarding the appropriation of Artificial Intelligence in hybrid texts (AI and student) in university assignments within the context of academic integrity. The research seeks to prospectively identify the facilities and challenges involved in producing hybrid texts according to the students' perceptions, in addition to highlighting the importance of academic integrity within the context of universities. The investigation has a qualitative character, using Laurence Bardin's (1977) content analysis method based on interviews conducted with 10 undergraduate Pedagogy students at the University of Brasília. When analyzing the interview results, it was possible to identify 12 challenges and only 4 facilities indicated by the students for writing hybrid texts (AI and student) in university assignments, creating a scenario conducive to generating various academic and scientific integrity issues. Thus, it is concluded that the use of generative Artificial Intelligence, although increasingly frequent, still urgently requires guidance and regulations for its appropriate use in the writing of academic texts in universities.

Keywords: Artificial Intelligence. Academic writing. Hybrid texts. Academic Integrity.

DECLARAÇÃO DE CONTEÚDO ORIGINAL

Eu, Ana Luiza Silva Azevedo dos Santos, parda, brasileira, natural de Brasília - DF sou estudante de Pedagogia da Universidade de Brasília e orientanda do Prof. Dr. Carlos Lopes. Declaro que utilizei ferramenta de IA Generativa (ChatGPT) para verificação de ortografia, formatação do documento para as normas ABNT, levantamento bibliográfico, pesquisas de sinônimos, tradução do resumo para o inglês e estudo por modelos (dicas de português e exemplos de escrita para usar como base). Nenhum dos textos gerados pela ferramenta foram utilizados neste artigo. Portanto, asseguro que o conteúdo apresentado aqui é original e produzido pela autora.

Brasília, dezembro de 2025.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Traços do perfil dos entrevistados e frequência de uso da IAGen	22
Quadro 2 – Categoria 1B – Facilidades (em relação ao texto híbrido) [9]	27
Quadro 3 – Categoria 2 – Desafios para escrita de texto híbrido [10]	29
Quadro 4 – Categoria 1A – Facilidades de maneira geral, que a ferramenta proporciona [10]	39
Quadro 5 – Categoria 1B – Facilidades na utilização da ferramenta em relação ao texto híbrido [4]	41
Quadro 6 – Categoria 2 – Desafios para escrita de texto híbrido [10]	42

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

ABNT	Associação Brasileira de Normas Técnicas
BNCC	Base Nacional Comum Curricular
Ceac	Centro Educacional Ângela Clara
CNE	Conselho Nacional de Educação
DF	Distrito Federal
Dr.	Doutor
Enem	Exame Nacional do Ensino Médio
FE	Faculdade de Educação
GPT	<i>Generative Pre-trained Transformer</i>
IA	Inteligência Artificial
IAGen	Inteligência Artificial Generativa
LDBEN	Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional
ML	<i>Machine Learning</i>
n./nº	número
p.	página
PAS	Programa de Avaliação Seriada
PPP	Projeto Político-Pedagógico
Prof.	Professor
TCC	Trabalho de Conclusão de Curso
TCLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
TFC	Trabalho Final de Curso
UDF	Centro Universitário do Distrito Federal
UnB	Universidade de Brasília
Unesco	Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura
v.	volume

SUMÁRIO

	MEMORIAL	10
1	INTRODUÇÃO	13
2	REFERENCIAL TEÓRICO	14
3	PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	20
3.1	Método de Análise de Conteúdo	20
3.2	Entrevista semiestruturada e perfil dos entrevistados	20
4	APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	22
4.1	Frequência do uso da Inteligência Artificial Generativa por estudantes de Pedagogia	22
4.2	Percepções dos estudantes de Pedagogia sobre eventuais facilidades e desafios no processo de produção de textos híbridos	23
<i>4.2.1</i>	<i>Facilidades</i>	25
<i>4.2.2</i>	<i>Desafios</i>	28
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	33
	REFERÊNCIAS	36
	APÊNDICE A – Categorias de análise e respectivas subcategorias	39

MEMORIAL

Nascida no dia 20 de junho do ano de 2000, fui a terceira dos quatro filhos que meus pais tiveram. Do momento em que saí da maternidade até hoje, moro na cidade-satélite do Gama (Distrito Federal), lugar que amo e pelo qual tenho grande carinho. Nos meus primeiros anos de vida, não frequentei instituições escolares, pois, por conta da minha estrutura familiar, meus pais optaram por manter meus cuidados e dos meus três irmãos em casa até os 4 anos de idade. Isso aconteceu por conta do grande suporte que minha avó paterna ofereceu desde o casamento dos meus pais até os dias de hoje. Por morarmos sempre juntos, minha avó ajudava de diversas formas e, assim, meus pais conseguiam oferecer condições melhores para nós.

Eu e meus irmãos começamos toda nossa trajetória escolar na mesma instituição, de nome Centro Educacional Ângela Clara (Ceac), onde vivi uma infinidade de experiências boas (e algumas ruins), dos meus 4 aos 14 anos de idade (2004 a 2014). Até hoje, possuo amizades muito próximas que fiz lá e tenho lembranças de professores que marcaram a minha caminhada, majoritariamente de forma positiva. Essa instituição é uma parte muito importante da minha vida, e carrego memórias cheias de afeto do tempo em que passei nela.

Desde muito nova, eu era considerada uma aluna tímida e aplicada. Em todo o período do Ensino Fundamental, ganhava destaque por tirar excelentes notas e não apresentar problemas de comportamento em sala. No período da alfabetização, inclusive, minha mãe dizia que poderia ter feito com que eu avançasse um ano escolar, mas ela optou por me manter na mesma turma, pois, apesar de ser considerada avançada em relação aos conteúdos, o meu desenvolvimento socioemocional poderia ser prejudicado com tal mudança.

Com isso, permaneci na turma indicada para minha idade e nunca demonstrei ter grandes dificuldades em relação às matérias estudadas, mas apresentar trabalhos ou interagir com pessoas fora do meu ciclo social era um grande desafio. Quanto menor era minha idade, maior era esse desafio, chegando ao ponto de deixar de ir ao banheiro, por exemplo, por receio de interromper a aula. Com o passar dos anos, fui melhorando e superando a timidez, mas confesso que até hoje isso me atrapalha em alguns momentos.

Até concluir o 9º ano do Ensino Fundamental, permaneci na mesma instituição. Durante esse período, fui marcada por vários dos profissionais que cruzaram meu caminho e contribuíram de alguma forma para meu desenvolvimento, como as professoras Samara e Rafaela. As duas foram regentes da minha turma do 4º ano e fizeram desse período uma

experiência maravilhosa com tamanho carinho e cuidado, bem como pelas formas divertidas de ensinar.

Para ingressar no Ensino Médio, precisei mudar de escola, pois no Ceac não havia turmas dessa etapa de ensino. Passei a estudar no Colégio Vitória - COC, também no Gama, onde também fiz amizades que carrego ainda hoje e conheci meu companheiro, com quem estou há nove anos. Nesses três anos na instituição, pude perceber o quanto evolui no quesito socioemocional, chegando a ser representante de turma no 3º ano (uma grande conquista para quem tinha tanto medo de falar em público). Em relação aos conteúdos estudados, ao me deparar com as matérias de química e física, tirei pela primeira vez uma nota abaixo da média. Apesar do susto e das dificuldades com alguns conteúdos, consegui recuperar as notas e manter um bom desempenho nessa etapa com um todo.

Nesse período, também desenvolvi um grande interesse pela leitura, e, mesmo que os meus gêneros de interesse (ficção, romance e aventura) não tivessem relação com os conteúdos escolares, essa forma de lazer teve uma grande contribuição para o desenvolvimento da minha escrita e minhas habilidades de interpretação de texto. Isso não só impactou positivamente a minha trajetória escolar, mas acredito que tenha contribuído para a ótima nota que alcancei na redação do Exame Nacional do Ensino Médio (Enem), em que fui aprovada para Pedagogia na Universidade de Brasília (UnB).

Apesar de vir de uma família de educadores (meus avós paternos e meus pais foram professores/gestores escolares), eu nunca havia considerado a opção de cursar algo na área da educação. Minha mãe sempre me dizia que tenho perfil para trabalhar com idosos ou crianças, por ser muito atenciosa e paciente, mas eu não me imaginava nesta carreira. Durante toda minha trajetória escolar, já considerei cursar Odontologia, Arquitetura, Publicidade e Propaganda, Administração, Relações Internacionais e alguns outros cursos de que nem me recordo mais.

Ao terminar o Ensino Médio, em 2017, fiz o Programa de Avaliação Seriada (Pas) e o Enem para o curso de Relações Internacionais, mas não passei e fiquei os próximos seis meses em casa decidindo o que faria a seguir. Pelo interesse que eu tinha em Arquitetura, decidi fazer um curso mais curto na área. Ingressei no Centro Universitário do Distrito Federal (UDF) no segundo semestre de 2018, para estudar Design de Interiores e, no último semestre do curso, cursei uma disciplina que mudaria todo o meu percurso. A disciplina de “Psicologia da Educação” foi o meu primeiro contato com a Pedagogia, ao longo do qual acabei me apaixonando pelo desenvolvimento infantil e senti que havia encontrado uma profissão em que eu poderia ser realmente boa e me sentir realizada.

Então, em 2020, após concluir o curso de Design, comecei a estudar para o Enem, ainda naquele ano. Foi somente na metade de 2021 que as notas foram divulgadas, por conta da pandemia de Covid-19, que gerou um atraso em todas as etapas da prova e no calendário acadêmico como um todo. Depois de muita ansiedade, recebi a notícia tão aguardada da minha aprovação na UnB para o curso de Pedagogia.

Desde o primeiro semestre, eu já comecei as atividades práticas nos estágios não obrigatórios e tive a oportunidade de aprender muito nos espaços em que fui acolhida. Dessa forma, posso afirmar que ganhei experiência de forma prática desde o início da graduação, pois esses espaços me possibilitaram adquirir conhecimentos valiosos e muito significativos com as crianças e com os profissionais que cruzaram meu caminho.

Além das experiências práticas, também reconheço a importância da sistematização dos conhecimentos e da reflexão teórica que há por trás deles. Ainda que me considere uma grande fã de leitura até os dias de hoje, desde que iniciei minha segunda graduação, eu não tenho conseguido me dedicar a isso como forma de lazer. A falta de tempo e o esgotamento mental gerados pela minha rotina fizeram com que eu me limitasse às leituras acadêmicas e acabasse desenvolvendo certo vício em telas e redes sociais, distanciando-me desse costume, que se fazia tão presente nos meus dias. Tudo isso refletiu na minha vida acadêmica e na forma de me expressar por meio da escrita, trazendo para a minha realidade dificuldades que eu não costumava ter anteriormente, em parte pela perda do hábito de leitura, em parte pelo aumento significativo da complexidade da escrita que me é exigida nesta etapa de ensino.

Mesmo diante dessa dificuldade, e com o surgimento e popularização das formas de Inteligência Artificial (IA), demorei bastante para recorrer a essa ferramenta como suporte para desenvolver minha escrita, por ser algo novo e que não fazia parte da minha realidade. Isso me fez começar a refletir sobre o uso da Inteligência Artificial Generativa (IAGen), principalmente na escrita de textos, e em como essa tecnologia está cada vez mais presente na rotina dos indivíduos, de todas as idades e ocupações, de forma tão livre e, muitas vezes, irrestrita, mesmo sem orientações claras e de fácil acesso sobre o seu uso.

Assim, decidi realizar esta pesquisa como Trabalho Final de Curso (TFC), para aprender mais sobre esse universo de possibilidades que as tecnologias atuais nos oferecem e, a partir das experiências de diferentes sujeitos, descobrir como tais ferramentas estão sendo exploradas pelos estudantes do espaço em que estou inserida atualmente.

1 INTRODUÇÃO

Desde o início do processo de globalização, a sociedade tem evoluído de maneira muito acelerada, o que propiciou um cenário favorável para a criação e o desenvolvimento de grandes tecnologias. Com as constantes disputas econômicas, as sociedades buscam avanços mais rápidos e significativos, investindo progressivamente nesses mecanismos, que estão cada vez mais presentes no dia a dia das pessoas e influenciando diretamente nos processos educativos ao redor do mundo (Aslam *et al.*, 2018). Com isso, as ferramentas digitais estão se tornando gradualmente mais “inteligentes” e assumindo funções e habilidades dignas de obras de ficção.

Diante desse cenário, o seguinte artigo tem como objetivo geral compreender criticamente a percepção de graduandos do curso de Pedagogia sobre a apropriação da IA em texto híbrido (IA e estudante) em trabalhos universitários no que tange à integridade acadêmica. Para alcançar esse resultado, será necessário, primeiramente, atingir os seguintes objetivos específicos: identificar a frequência e a maneira com que os estudantes de Pedagogia da UnB se utilizam da IAGen na escrita textos acadêmicos; analisar, de maneira prospectiva, as percepções dos estudantes de Pedagogia sobre os seus eventuais desafios e facilidades no processo de produção de textos híbridos; discutir a importância da integridade acadêmica e científica na formação do pedagogo.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

Devido ao desenvolvimento acelerado das tecnologias, os *softwares* atuais têm se mostrado capazes de aprender enquanto executam as atividades para as quais foram projetados, criando assim um novo conceito de inteligência. De acordo com o exposto por Rich, Knight e Nair (2009, p. 3) na obra *Artificial Intelligence*, a IA é o estudo de como fazer com que os computadores realizem atividades que os seres humanos executam de forma mais eficiente até o momento. Mas essa é apenas uma das várias interpretações sobre o tema, que tampouco abrange a complexidade de que se reveste o conceito de inteligência contido no termo.

De acordo com o exposto por Cozman e Neri (2021, p. 21), os estudos nos mostram que, até os dias de hoje, “[...] a definição de Inteligência Artificial (IA) continua desafiadora [...]. Uma definição ingênua é: ‘a área que se ocupa de construir artefatos artificiais que apresentam comportamento inteligente’. A dificuldade é definir o que é comportamento inteligente”. Diante das diferentes concepções de inteligência, podemos relacioná-la a dois aspectos apontados por Russell e Norvig (2010). Primeiramente, leva-se em consideração a capacidade da IA de realizar conexões no seu banco de dados, de forma que suas ações sejam similares ao comportamento humano, considerando-se as ferramentas de IA inteligentes, por executarem ações de forma semelhante às pessoas (sistemas que pensam e/ou agem como humanos) (Russell; Norvig, 2010). O segundo aspecto envolve lógica e racionalidade, considerando inteligentes os sistemas que pensam e/ou agem racionalmente (Russell; Norvig, 2010). Tendo em conta, é claro, a consciência de que os seres humanos nem sempre agem ou pensam racionalmente.

A partir de 2010, os sistemas de processamento inteligente foram aprimorados em uma escala nunca antes vista. Começaram a ser capazes de solucionar problemas práticos e, logo depois, passaram a conseguir detectar rostos de pessoas em fotos e resumir textos (Unesco, 2024). Com a evolução constante dessas tecnologias foram surgindo as IAGen, que podem ser definidas como “[...] tecnologia de Inteligência Artificial (IA) que gera conteúdo de forma automática em resposta a comandos escritos em interfaces de conversação em linguagem natural” (Unesco, 2024, p. 8). Porém, apesar de tais mecanismos se mostrarem bastante eficientes, as IAGen não são capazes de gerar novas ideias ou fazer reflexões como os seres humanos. Assim como o exposto no documento *Guia para a IA generativa na educação e na pesquisa* (Unesco, 2024), essa ferramenta tem o poder de fazer uma nova criação e gerar textos

(ou imagens) inéditos, entretanto as ideias no seu conteúdo sempre se baseiam em produções já existentes.

Logo, entende-se que as IAGen de texto conseguem produzir um novo material, mas, para isso, precisam ser treinadas e “alimentadas” com as ideias que possibilitem a execução da ação solicitada. De acordo com as informações apresentadas pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco, 2024), nesse treinamento, além da interação com o humano para dar os comandos e fazer as correções necessárias no sistema, a ferramenta busca os dados que precisa *online* e analisa estatisticamente os elementos da linguagem, a fim de gerar textos coerentes de acordo com o contexto. Isso é possível por conta da tecnologia de Inteligência Artificial chamada aprendizado de máquina (*Machine Learning – ML*), que utiliza os dados encontrados para melhorar contínua e automaticamente as respostas produzidas (Unesco, 2024).

O ChatGPT, um dos modelos de IA mais conhecidos, tem o nome derivado da sigla GPT, que significa “Transformador pré-treinado generativo” (*Generative Pre-trained Transformer*). Ele obteve o crescimento de aplicativo mais rápido já existente até o ano de 2022, data em que foi lançado (Unesco, 2024). Sua divulgação ao público impactou imediatamente a educação, especialmente no Ensino Superior, de formas negativas e positivas. “Embora suas aplicações no ensino superior sejam amplas, muitas universidades já o proibiram por medo de plágio por parte dos alunos, e vários países bloquearam o ChatGPT” (Unesco, 2023, p. 11), evidenciando a preocupação com questões de ética e de segurança, como, por exemplo, a falta de regulamentação sobre o uso da ferramenta, incertezas sobre proteção dos dados coletados e as discussões acerca da integridade acadêmica. Associado a este último tópico, o principal risco em relação ao uso da tecnologia que gera preocupação nas instituições educativas é o plágio, que ocorre quando os estudantes deixam de produzir seus trabalhos e passam apenas a copiar o que a IA lhes entrega (Unesco, 2023).

Apesar de haver indivíduos que fazem uso dessa ferramenta de forma antiética propositalmente, muitos outros acabam fazendo uso indevido por falta de instruções sobre como utilizar a IA de maneira adequada. O uso progressivo dessa ferramenta se deu a partir de 2022, enquanto documentos como a Base Nacional Comum Curricular (BNCC)¹ e o Currículo em

¹ “A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) é um documento de caráter normativo que define o conjunto orgânico e progressivo de aprendizagens essenciais que todos os alunos devem desenvolver ao longo das etapas e modalidades da Educação Básica” (Brasil, 2018, p. 7).

Movimento do Distrito Federal (DF)² foram publicados em 2018. Por se tratar de uma tecnologia muito recente, os principais documentos nacionais que organizam e fundamentam a prática educativa no Brasil ainda não possuem orientações específicas sobre o uso da IA.

O que temos disponíveis nessas diretrizes, até o momento, são trechos sobre valorização do conhecimento digital e o incentivo à utilização de tecnologias para estudos e pesquisas, tanto na Educação Básica quanto no Ensino Superior. Na BNCC, por exemplo, a quinta competência geral da Educação Básica cita as tecnologias digitais como um importante instrumento de ensino:

5. Compreender, utilizar e criar tecnologias digitais de informação e comunicação de forma crítica, significativa, reflexiva e ética nas diversas práticas sociais (incluindo as escolares) para se comunicar, acessar e disseminar informações, produzir conhecimentos, resolver problemas e exercer protagonismo e autoria na vida pessoal e coletiva (Brasil, 2018, p. 9).

Ademais, no capítulo IV da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN), é possível encontrar uma passagem que discorre sobre o desenvolvimento da tecnologia na Educação Superior:

Art. 43. A educação superior tem por finalidade: [...] III – incentivar o trabalho de pesquisa e investigação científica, visando o desenvolvimento da ciência e da tecnologia e da criação e difusão da cultura, e, desse modo, desenvolver o entendimento do homem e do meio em que vive (Brasil, 1996).

No mesmo sentido, a Lei nº 14.533, de 11 de janeiro de 2023, institui a Política Nacional de Educação Digital, que articula programas, projetos e ações envolvendo diversos membros da federação nas políticas públicas, a fim de ampliar o acesso dos cidadãos aos recursos, ferramentas e práticas digitais (Brasil, 2023). Esse documento também discorre sobre inclusão digital como um todo ao mencionar tópicos como algoritmos, automação e competências digitais, mas deixa de lado o termo explícito “Inteligência Artificial”.

Embora os principais documentos ainda não entrem em detalhes quanto ao uso da IA nos processos educativos, o Conselho Nacional de Educação (CNE), em 2025, tem feito movimentações para tentar aprovar “[...] um relatório que estabelece diretrizes a respeito do uso de Inteligência Artificial (IA) em instituições de ensino da educação básica e superior” (Peixoto, 2025, § 1). Importa ressaltar também que a Comissão de Educação da Câmara dos Deputados segue no processo para tentar implementar o Projeto de Lei nº 1614/2025, que visa inserir

² “Proposta pedagógica apta a nortear o ensino na rede pública de ensino, de forma a reconstruir conceitos fossilizados pela educação tradicional, e questionar a real função social da educação enquanto pilar social, atendendo à realidade heterogênea do Distrito Federal” (Cardoso, 2020, p. 100)]

conteúdos relacionados à IA na formação continuada dos professores de todos os níveis e modalidades, inclusive sobre segurança na rede e proteção de dados pessoais (Brasil, 2025).

No contexto da Faculdade de Educação (FE) da UnB, instituição onde foi desenvolvida a pesquisa, o Projeto Político-Pedagógico (PPP) do curso de Pedagogia traz como um de seus objetivos específicos para a formação do pedagogo a realização de “[...] pesquisas e ações extensionistas com o intuito de produzir e difundir o conhecimento científico e tecnológico no campo educacional” (UnB, 2018, p. 35). Portanto, faz-se necessário o estudo das tecnologias e de seus impactos sobre os diversos níveis da educação para cumprir o objetivo geral do curso, que consiste em

Formar o profissional para a docência [...] em suas diversas modalidades e nos cursos de formação que exijam conhecimentos pedagógicos, para atuar na gestão escolar e em espaços educativos não escolares, e para o campo teórico-investigativo da educação, com compromisso ético e inclusivo, responsabilidade social e histórica, reconhecedor da diversidade humana, cultural, política, religiosa, étnico-racial e de gênero (UnB, 2018, p. 35).

Na FE/UnB são ofertadas, atualmente, duas disciplinas obrigatórias que possuem relação com tecnologias no geral, quais sejam: “Educação, Comunicação e Tecnologias” e “Ensino de Ciências e Tecnologia I”. Das duas, apenas a primeira traz em sua ementa, de forma clara, os tipos de tecnologias que são exploradas no decorrer do semestre, envolvendo mídias, redes, globalização, cultura audiovisual e suas relações com as práticas de ensino (UnB, 2018). Apesar de esse componente curricular possibilitar um espaço para aprendizagens sobre a IA mesmo sem citá-la de forma explícita, bem como de existir a possibilidade de eventuais formações sobre o tema em ocasiões como a Semana Universitária, ainda não são ofertadas disciplinas obrigatórias ou optativas específicas sobre IA na FE.

As discussões sobre a IA e as orientações para seu uso adequado (especialmente da IAGen) são indispensáveis. Por ser uma tecnologia acessível, é provável que grande parte dos estudantes que chegam à universidade atualmente já tenham o costume de utilizar essa ferramenta sem terem recebido as devidas orientações para tal. Há diversas maneiras de explorar as potencialidades da IA no contexto educacional, como, por exemplo, para realizar pesquisas, fazer levantamento bibliográfico, formatar textos e até mesmo para auxiliar na escrita de trabalhos acadêmicos.

De acordo com Lopes, Forgas e Cerdà-Navarro (2024) existem três tipos básicos de produções de texto. O primeiro é o “texto artesanal”, que é concebido apenas por humanos, portanto a IA não se faz presente na escrita. O segundo é o chamado de “texto híbrido”, cuja produção é feita em conjunto (humano e IA). O terceiro é o “texto padrão”, que, ao contrário

do artesanal, é feito exclusivamente pela IA. Portanto, entende-se que a hibridização da escrita é feita a partir de uma base redigida pela IA, da qual o sujeito vai editando e ajustando o texto conforme seu estilo, retirando partes e adicionando outras de sua autoria. Logo, conclui-se que “[...] o texto híbrido não retira o autor do contexto em uma produção que seja exclusiva e automaticamente redigida por IA” (Lopes; Forgas; Cerdà-Navarro, 2024, p. 12).

Lopes, Forgas e Cerdà-Navarro (2024, p. 12) ainda adicionam um quarto tipo de escrita, intitulado “texto de referencial próprio”, que possui “[...] fronteiras tênues entre os textos do ‘tipo artesanal’ e ‘híbrido’”. Nesse tipo de produção, o conteúdo, a estrutura e o estilo de escrita são gerados por IA, mas com base em obras anteriores do próprio autor – usuário da IA –, para elaboração de artigo científico.

Com a tendência ao uso cada vez mais frequente dessa tecnologia no contexto educacional, faz-se necessário o debate sobre a integridade acadêmica e científica como forma de orientar e conscientizar toda a comunidade da instituição para desfrutar de forma adequada dos benefícios e facilidades que a IA oferece.

Como explicitado por Mainardes (2023), a integridade científica diz respeito aos princípios éticos relacionados a todas as etapas da pesquisa científica, desde experimentos e coleta de dados até a escrita e publicação de resultados. Para alcançar a integridade científica, é essencial que os estudos sejam realizados com “[...] a condução responsável das pesquisas e com o rigor metodológico necessários para garantir confiabilidade e credibilidade na pesquisa” (Mainardes, 2023, p. 6).

Por outro lado, o significado de integridade acadêmica envolve “[...] agir com os valores de honestidade, confiança, justiça, respeito e responsabilidade no aprender, ensinar e pesquisar” (Universities Australia, 2017, p. 4, tradução nossa). De acordo com Mainardes (2023), trata-se de um termo multidimensional, pois inclui todos os agentes da instituição (pesquisadores, estudantes, técnicos, bolsistas, entre outros) no compromisso com a ética para o desenvolvimento das atividades e relações interpessoais no centro de ensino.

A pesquisa a seguir procura realizar análises prospectivas a respeito do uso da IA na escrita de textos. Logo, é importante destacar que o estudo de cenários ou pensamentos prospectivos abre caminho para imaginar as possibilidades de futuro a longo prazo por meio de suposições lógicas a partir da análise de dados sobre determinado tema, “[...] definindo os caminhos alternativos da evolução e permitindo escolher as manobras apropriadas para cada um deles” (Pereira; Moritz, 2005, p. 18). Assim, é possível utilizar a prospecção para estudar

as diferentes conjunturas que possam vir a ocorrer e pensar em estratégias eficazes para combater os desafios oriundos da temática em pauta.

O presente artigo está dividido em cinco seções, a saber: introdução, referencial teórico, procedimentos metodológicos, apresentação e discussão dos resultados e considerações finais. De maneira geral, a investigação busca resposta para os seguintes problemas de pesquisa: com que frequência os estudantes de Pedagogia da UnB têm se utilizado da IAGen na escrita de textos acadêmicos? De maneira prospectiva, quais as facilidades e os desafios para produzir textos híbridos segundo a percepção dos estudantes de Pedagogia?

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

3.1 Método de Análise de Conteúdo

O método utilizado na pesquisa foi a Análise de Conteúdo de Laurence Bardin (1977), que consiste em um conjunto de técnicas utilizadas para analisar as comunicações a partir da interpretação do conteúdo das mensagens. Está dividido em três etapas (pré-análise, exploração do material e tratamento dos resultados) e tem a possibilidade de ser executado de forma qualitativa e/ou quantitativa.

Segundo Bardin (1977), na pré-análise (primeira etapa), é realizada a organização de todo o material da pesquisa (documentos, entrevistas, dados, entre outros), com vistas a avaliar quais deles são úteis ou não. A segunda etapa envolve a codificação dos dados, que ocorre com a exploração do material selecionado na etapa anterior. Nesta fase, são feitos os destaques das unidades de registro (qual o tema trabalhado, o tópico a ser analisado) e das unidades de contexto (onde está a unidade de registro). Por fim, no tratamento dos resultados, é feita a separação dos tópicos encontrados na segunda etapa em categorias, de acordo com a interpretação dos pesquisadores e os objetivos da pesquisa (Bardin, 1977).

3.2 Entrevista semiestruturada e perfil dos entrevistados

A fim de coletar os dados necessários de forma qualitativa, foi organizado um roteiro de entrevista com 22 perguntas. Para que pudesse ser feita uma análise pertinente da percepção dos estudantes sobre o tema da pesquisa, as respostas às perguntas foram examinadas e interpretadas em sua totalidade. Portanto, a interpretação dos dados não se limitou apenas às respostas individuais de cada pergunta.

Também é preciso informar que, na análise e discussão dos resultados, as unidades de contexto não foram todas selecionadas para compor os quadros em que estão expostas as subcategorias, sendo incluídas apenas algumas das falas dos entrevistados, a título de ilustração. Isso ocorreu tendo em vista que algumas das unidades de contexto têm o mesmo sentido, sendo redundante a repetição das informações. Quando da ocorrência de alguma variação de sentido entre as unidades de contexto na mesma categoria e subcategoria, essas serão expostas no quadro de categorização.

Todos os dez entrevistados aderiram voluntariamente ao estudo, quando contactados por meio de grupos do WhatsApp. Os critérios para a seleção dos entrevistados foram os seguintes: estar cursando Pedagogia; fazer uso da IA para escrita de textos acadêmicos; estar com o TFC I ou II em andamento no segundo semestre de 2025 (período em que ocorreram a entrevista).

As entrevistas foram realizadas de forma remota, por meio de chamadas pelo canal Teams, e gravadas com consentimento dos participantes para transcrição e análise posterior. Os entrevistados registraram na própria chamada o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), manifestando concordância expressa em participar da pesquisa. Na ocasião, também foram certificados de que o anonimato de suas identidades seria preservado, bem como o de quaisquer outros dados ou informações pessoais. Por conta disso, seus nomes foram substituídos por nomes de flores em todo o trabalho.

Dos sujeitos da pesquisa, nove são mulheres e um homem, todos graduandos do curso de Pedagogia da FE/UnB. As idades dos sujeitos variam de 21 a 29 anos. Três deles (o equivalente a 30%) têm 22 anos, outros três têm 23 anos e os demais têm 21, 24, 25 e 29 anos. Todos os dez entrevistados estavam realizando sua primeira graduação; oito estavam no décimo semestre do curso, um estava no oitavo e um no décimo primeiro, totalizando 80% dos sujeitos no mesmo período da graduação.

4 APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Para cumprir com os objetivos propostos e responder com êxito às questões delimitadas na pesquisa, foram definidos os seguintes eixos temáticos para a discussão dos resultados encontrados nas entrevistas:

- Eixo 1: frequência do uso da IAGen por estudantes de Pedagogia;
- Eixo 2: percepções dos estudantes de Pedagogia sobre eventuais facilidades e desafios no processo de produção de textos híbridos.

4.1 Frequência do uso da Inteligência Artificial Generativa por estudantes de Pedagogia

Segundo Souza e Gomes (2022 *apud* Teixeira, 2025), a utilização das ferramentas de IA para revisar textos, resolver problemas e analisar dados é mais comum em cursos que necessitam da linguagem escrita e do raciocínio lógico com maior frequência. Além disso, Teixeira (2025) expõe que, atualmente, a maioria dos universitários já faz uso dessas ferramentas. Esses fatos, quando combinados, podem explicar o motivo de não haver dificuldades para encontrar graduandos de Pedagogia que fizessem o uso dessa tecnologia ao convidarmos os estudantes a participar da pesquisa.

Como um dos requisitos para a escolha dos entrevistados foi justamente “fazer uso da IA para escrita de textos acadêmicos”, todos os participantes selecionados utilizam essa ferramenta, variando apenas a frequência e a forma de utilização. Como relatado pelos estudantes, 70% (7 indivíduos) usam a IAGen ocasionalmente para a escrita dos trabalhos acadêmicos. Os outros 30% (3 indivíduos) disseram usar raramente (1), frequentemente (1) e muito frequentemente (1).

Quadro 1 – Traços do perfil dos entrevistados e frequência de uso da IAGen (continua)

Nome Fictício	Idade	Semestre	Frequência de uso da Inteligência Artificial para escrita de textos
Narciso	29	10º	Ocasionalmente
Rosa	23	10º	Ocasionalmente
Margarida	22	10º	Ocasionalmente
Violeta	22	10º	Ocasionalmente
Jasmin	25	10º	Ocasionalmente
Íris	22	10º	Ocasionalmente
Orquídea	24	10º	Ocasionalmente

Quadro 1 – Traços do perfil dos entrevistados e frequência de uso da IAGen (conclusão)

Nome Fictício	Idade	Semestre	Frequência de uso da Inteligência Artificial para escrita de textos
Dália	23	10º	Muito frequentemente
Camélia	21	8º	Frequentemente
Hortência	23	11º	Raramente

Fonte: elaborado pela autora.

A tendência de aumento massivo do uso da IAGen por parte dos estudantes pode também ser explicada pela intensificação do acesso a tecnologias desse tipo pelos brasileiros em geral, as quais se tornaram um hábito diário para quase 50% da população, segundo pesquisa da Conversion (2025). De acordo com os resultados encontrados nos questionários aplicados *online*, os modelos de IA mais utilizados no país são o ChatGPT, o Gemini e o Copilot.

Tal fenômeno se intensificou rapidamente, entre outros motivos, por conta da divulgação em massa das diversas ferramentas de IA, como, por exemplo, na propaganda da companhia telefônica Claro ([2025?]), que criou uma parceria com a empresa OpenAI (desenvolvedora do ChatGPT) para assinatura de planos na operadora em que o usuário ganha acesso ao ChatGPT Plus. A divulgação da parceria foi feita sem que fosse necessário ao menos esclarecer o que é e para que serve o ChatGPT, dada a sua popularidade entre a população, evidenciando o quanto tais tecnologias estão fortemente estabelecidas atualmente.

4.2 Percepções dos estudantes de Pedagogia sobre eventuais facilidades e desafios no processo de produção de textos híbridos

Para apresentar os resultados encontrados, é importante ressaltar, em primeiro lugar, que o termo “texto híbrido” não é de conhecimento geral entre os estudantes, pois, como exposto por Lopes, Forgas e Cerdà-Navarro (2024, p. 3), “[...] a IA para a produção escrita no escopo do sistema escolar, [...] é algo emergente e atual nos anos 2019 a 2023”. Os modelos de IAGen, como os conhecemos hoje, ainda podem ser considerados algo novo, e o formato de texto híbrido como produção do indivíduo em conjunto com a IA, até então, não é um conceito popularizado.

Por conta disso, na entrevista com os universitários, foi apresentada brevemente a definição de texto híbrido, de forma a contextualizar os estudantes sobre o tema. Porém, apesar de o significado do termo ter sido apresentado aos entrevistados, a hibridização na escrita é algo muito complexo de acordo com o próprio entendimento dos estudantes. Alguns dos

participantes da pesquisa, por exemplo, ora relataram não utilizar o formato híbrido, ora alegaram utilizar a IA para revisão e correção dos textos, demonstrando certa confusão a respeito da hibridização. Portanto, a pesquisa buscou prospectar de maneira exploratória as percepções dos estudantes, considerando o seu próprio processo ao escrever textos híbridos na universidade.

Embora os sujeitos da pesquisa tenham demonstrado certa dificuldade em compreender o texto híbrido em sua totalidade, o andamento da entrevista não foi prejudicado por esse fato, influenciando mais na percepção dos estudantes sobre sua própria prática do que interferindo diretamente na interpretação dos resultados em si. O entendimento equivocado dos entrevistados a respeito do termo refletiu apenas na organização das categorias, surgindo uma espécie de ramificação da categoria “facilidades” para diferenciar quando estava associada ou não ao texto híbrido.

Ao organizar as unidades de registro (categorias) e as unidades de contexto (falas dos entrevistados), foram criadas três categorias que abordam as facilidades e os desafios dos estudantes no uso da IA para a escrita de textos. Cada uma delas contendo diversas subcategorias, de acordo com os dados obtidos nas decodificações dos conteúdos das entrevistas. São elas:

- Categoria 1A - Facilidades (de maneira geral que a ferramenta proporciona, sem necessariamente se ater ao texto híbrido);
- Categoria 1B - Facilidades (de maneira específica, diretamente relacionada à utilização da ferramenta em relação ao texto híbrido);
- Categoria 2 - Desafios na escrita de texto híbrido.

As facilidades e os desafios como categorias a serem analisadas foram definidas *a priori*, isto é, antes das entrevistas. Por outro lado, as subcategorias identificadas foram selecionadas durante a exploração do conteúdo das entrevistas, portanto *a posteriori*. Também é necessário informar que as categorias e as subcategorias foram destacadas apenas uma vez em cada entrevista, não sendo contabilizadas as repetições pelo(a) estudante. Foram entrevistados dez indivíduos no total. Sendo assim, o número máximo de categorias de cada termo também é 10, o que indica que todos os participantes mencionaram determinada categoria ou subcategoria. Em contrapartida, por se tratar de uma pesquisa qualitativa, a baixa incidência de determinada subcategoria não faz do dado algo irrelevante, já que, na presente concepção de pesquisa, a importância do conteúdo prevalece sobre a quantidade de vezes em que ele é citado, constituindo informações importantes para auxiliar na interpretação dos resultados encontrados.

Ao perguntar para os estudantes sobre sua própria capacidade de produção de texto híbrido, notou-se certo receio na fala da maioria, por exemplo, ao apontarem que não usariam esse modelo de escrita para elaboração do TFC ou que preferem utilizar a ferramenta para automação de tarefas. Por outro lado, parte dos estudantes demonstrou mais confiança ao dizer que seria sim capaz de produzir textos nesse formato. Em ambas as respostas, houve algumas contradições, por conta da interpretação equivocada do termo, como, por exemplo, a estudante Violeta, que informou que a IAGen “[...] *é muito importante para reescrever algumas coisas [...], corrigir outras coisas*”, e em seguida relatou que “*não usaria em formato de texto híbrido*”.

4.2.1 Facilidades

Na categoria 1A - Facilidades (de maneira geral), todos os dez entrevistados puderam apontar uma ou mais subcategorias que representam as condições favoráveis que a ferramenta proporciona de modo abrangente, sem necessariamente ter relação com o texto híbrido. No geral, somaram-se nove subcategorias, revelando os seguintes tópicos citados pelos estudantes: modelos (modo de estudar, compreender por modelos) [6]; tempo [6]; levantamento bibliográfico [5]; formatação [5]; praticidade [3]; resumos [3]; pesquisas [2]; menor esforço [2]; e utilização de *prompts*/comandos [1].

As subcategorias “modelos” e “tempo” foram as que mais apareceram nas falas dos estudantes a respeito das facilidades ao usar a IAGen no âmbito geral, com seis participantes mencionando cada uma delas. No tópico “modelos” (modo de estudar, compreender por modelos), os estudantes mencionaram o uso de exemplos de determinados tipos de texto (mapas mentais, resumos e memoriais) como inspiração para desenvolverem uma escrita própria, além de dicas de português e de como melhorar suas composições. Quanto ao segundo tópico, os universitários indicaram a otimização do tempo como uma facilidade proporcionada pela IAGen, como mencionado por Narciso ao afirmar que usou “*para facilitar mais a questão da leitura, para otimizar mais o meu tempo*”, confirmando o que os autores concluem ao relatar que a economia e otimização do tempo de estudos são aspectos apontados por diversos universitários como vantagem das tecnologias discutidas (Silva; La Marca; Lopes, 2024; Teixeira, 2025).

Em segundo lugar, “levantamento bibliográfico” e “formatação” foram os aspectos mais citados nessa categoria, com menções feitas por cinco dos graduandos entrevistados para cada um deles, em convergência com o exposto por Silva, La Marca e Lopes (2024, p. 4) quando

afirmam que a IAGen “[...] é valorizada principalmente como uma ferramenta de apoio criativo e organizacional”. Então, além de adotar a ferramenta para encontrar textos com o objetivo de usá-los como referências, os estudantes ainda utilizam a IAGen para organização dos documentos e formatação para as normas da Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT), como o exposto por Dália e Camélia, respectivamente, nas seguintes falas: “*Eu tenho usado muito para pegar algumas referências. Eu estou fazendo o meu TCC [Trabalho de Conclusão de Curso] e descobri um documento muito importante, que mudou o rumo do meu TCC, por causa do ChatGPT*”; “*Nas questões das referências, buscas em termos, em coisas específicas de normas da ABNT*”.

Ademais, também houve algumas subcategorias de menor incidência, mas tão importantes quanto as demais. São elas: praticidade [3]; resumos [3]; pesquisas [2]; menor esforço [2]; utilização de *prompts*/comandos [1]. Os entrevistados relataram se apoiar na ferramenta para pesquisas em geral e sintetizar textos com diversas finalidades, reconheceram o esforço reduzido ao usá-la e ainda apontaram a importância de dar os comandos corretamente para o transformador generativo pré-treinado ao solicitar algo. Com isso, é possível notar as múltiplas potencialidades da IAGen como facilitadora do dia a dia dos graduandos, tendo em vista que todos esses aspectos tornam as tarefas acadêmicas mais práticas. Essas facilidades transformam as atividades educativas, assim como exposto por Carvalho e Ferreira (2022 *apud* Teixeira 2025) ao dizerem que graduandos de diferentes cursos têm utilizado, em ritmo crescente, as ferramentas de IA para otimização de estudos, para ter apoio na realização de trabalhos acadêmicos e para fazer pesquisas.

Ao analisar a categoria 1B - Facilidades (em relação ao texto híbrido), pôde-se perceber um número consideravelmente menor de subcategorias se comparado com a anterior, totalizando apenas quatro. São elas: revisão de texto [6]; identificação do que foi produzido por IA [5]; utilização de *prompts*/comandos [2]; e organização de ideias [1]. O quadro 2, a seguir, evidencia as ocorrências de tais subcategorias com algumas das unidades de contexto selecionadas para exemplificar cada uma delas:

Quadro 2 – Categoria 1B – Facilidades (em relação ao texto híbrido) [9]

Subcategoria	Unidade de contexto
Revisão de texto [6]	<p>“Acho que a IA também corrige textos, então trazer uma correção, às vezes uma gramática melhor e tudo” (Margarida, 22 anos, grifos nossos).</p> <p>“A maior finalidade é para revisão de texto, para que o Chat coloque o trabalho, geralmente para corrigir algum erro ortográfico” (Orquídea, 24 anos, grifos nossos).</p> <p>“Corrigindo, vendo se tem coesão, se está coerente, o que estou deixando faltar, [...] usar a Inteligência Artificial realmente como uma ferramenta, não para te entregar uma produção, mas para melhorar o que você mesmo produziu” (Hortência, 23 anos, grifos nossos).</p>
Utilização de prompts/ comandos [2]	<p>“Eu dou as palavras-chave e ele me ajuda” (Íris, 22 anos, grifos nossos).</p> <p>“Quando aprendi a usar a maneira certa de falar com ele, ficou bem mais fácil também” (Dália, 23 anos, grifos nossos).</p>
Identificação do que foi produzido por IA [5]	<p>“Acho que a minha escrita é muito diferente da escrita da IA. Pedindo já para elas fazerem algumas coisas, dá para perceber quando é IA e quando é de autoria própria” (Violeta, 22 anos, grifos nossos).</p> <p>“Pelo menos, a meu ver, fica muito claro quando um texto é produzido por Inteligência Artificial, a forma de linguagem, principalmente para quem está na primeira graduação” (Jasmin, 25 anos, grifos nossos).</p> <p>“Eu sei que tem coisas que a IA traria de uma forma que eu não teria pensado [...] então, acho que eu conseguiria sim, saber diferenciar” (Hortência, 23 anos, grifos nossos).</p>
Organização de ideias [1]	<p>“Muitas das vezes, a gente está com a ideia ali centrada, [...] só que na hora de colocar no papel, às vezes, uma palavra aqui encaixaria melhor. [...] a gente cria o texto, mas o IA transforma de um jeito que a gente queria dizer, [...] com palavras melhores às vezes” (Rosa, 23 anos, grifos nossos).</p>

Fonte: elaborado pela autora.

A quantidade reduzida de tópicos nesta categoria, em comparação com a anterior, revela o despreparo e receio dos graduandos de Pedagogia para utilizar as ferramentas de IA especificamente para a escrita de textos híbridos. Uma das entrevistadas não apresentou nenhuma facilidade em relação ao texto híbrido e outros quatro participantes apontaram apenas uma, resultando no contraste de quantidade de itens entre as categorias 1A (9 subcategorias) e 1B (4 subcategorias).

A subcategoria “revisão de texto” foi a dominante na lista de facilidades diretamente relacionadas ao texto híbrido, com falas mencionando a correção gramatical e ortográfica, regras de pontuação, concordância, coesão e coerência do texto, assim como indicado por Teixeira (2025, p. 5) ao afirmar que “[...] a maioria dos estudantes utiliza ferramentas de IA em atividades relacionadas à redação e revisão de textos”. Em seguida, a “identificação do que foi produzido por IA” como facilidade aparece em cinco entrevistas diferentes, nas quais os estudantes sinalizam a capacidade de reconhecer suas próprias produções e sabem diferenciá-las no texto híbrido, como exposto por Margarida no seguinte trecho: “[...] na faculdade, principalmente em Pedagogia, a gente acaba escrevendo muito, acho que é fácil a gente reconhecer o nosso texto e, nesse caso, um texto feito por um robô ou por outra pessoa”.

Por fim, entre os itens menos mencionados nessa categoria, estão a “utilização de *prompts/comandos*” e “organização de ideias”, totalizando os únicos quatro aspectos apontados pelos estudantes. O número reduzido de facilidades em relação ao texto híbrido evidencia o que está disposto no documento da Unesco (2023) sobre a necessidade emergente de capacitação de toda a comunidade acadêmica para o uso adequado das ferramentas de IAGen para escrita de textos híbridos no contexto das universidades.

4.2.2 Desafios

Após se debruçar sobre as facilidades, é imprescindível acrescentar também os desafios apontados pelos entrevistados. Diferentemente das facilidades, que precisaram ser divididas em duas categorias, os desafios são todos relacionados à criação de textos híbridos.

É importante esclarecer que, no presente estudo, a categoria “desafios”, no contexto da utilização da IAGen em texto híbrido e da discussão sobre a integridade acadêmica e científica, é conceitualmente distinta da categoria “riscos”. Desafio é aqui assumido como algo que provoca, inquieta ou estimula a superação de algo (Aurélio, 1986), sendo aspecto que mobiliza o estudante. Já a concepção de “risco” refere-se à possibilidade de dano ou prejuízo, implicando perigo e responsabilidade pelas consequências negativas (Aurélio, 1986). Essa distinção ajuda a esclarecer a categorização posterior, em que as subcategorias “preguiça” e “dependência”, por exemplo, foram interpretadas como “desafios”, e não como “riscos” na especificidade desta pesquisa. Portanto, em outros estudos, algumas das subcategorias expostas no Quadro 3 podem ser assumidas como “riscos” e até mesmo serem enquadradas de forma concomitante em “desafios”. Outro aspecto que influenciou a escolha da categoria “desafios” foi a questão da integridade acadêmica, que não permite restringir a reflexão ao âmbito individual e sim necessita considerar todos os sujeitos do processo educativo.

Diante disso, é interessante destacar que a categoria “desafios” apresenta a maior quantidade de itens revelados pelos graduandos, totalizando as 12 subcategorias a seguir: dependência da tecnologia [6]; autoria [5]; interesse [5]; pensamento crítico [4]; identificação do que foi produzido por IA [4]; veracidade das informações [2]; utilização de *prompts/comandos* [2]; superficialidade das informações geradas [1]; criatividade [1]; sintetizar informações [1]; preguiça [1]; e tempo [1]. Logo abaixo, o Quadro 3 apresenta os referidos desafios, incluindo algumas de suas respectivas unidades de contexto, que foram extraídas das entrevistas:

Quadro 3 – Categoria 2 – Desafios para escrita de texto híbrido [10] (continua)

Subcategoria	Unidade de contexto
Dependência da tecnologia [6]	<p>“Eu acho que é se acomodar também, não conseguir fazer nada por conta própria porque tem essa inteligência que faria tudo por mim” (Margarida, 22 anos, grifos nossos).</p> <p>“Talvez deixar se deixar levar, e deixar que a IA faça tudo” (Violeta, 22 anos, grifos nossos).</p> <p>“Eu acho que seria [difícil] não ficar tão dependente da ferramenta, sabe? Porque a ferramenta vem como um facilitador, mas esse facilitador gera um vício também” (Camélia, 21 anos, grifos nossos).</p>
Interesse [5]	<p>“Pode ser falta de interesse também, pode não saber o que vai ser feito, e aí acaba que tem uma ferramenta que vai fazer aquilo e te dá aquilo pronto em minutos, em segundos” (Violeta, 22 anos, grifos nossos).</p> <p>“A disposição de estar ali fazendo as coisas certinho, porque eu acho que também tem muita gente na faculdade que quer as coisas de uma forma mais fácil, e aí só pede para a Inteligência Artificial fazer praticamente o trabalho todo por eles” (Íris, 22 anos, grifos nossos).</p> <p>“Eu imagino que a primeira seria também falta de vontade, talvez por falta de interesse e/ou sobrecarga” (Orquídea, 24 anos, grifos nossos).</p>
Autoria [5]	<p>“Já vem tão pronto para você que dá vontade só mesmo de pegar toda aquela informação da IA e colocar no texto, porque está muito objetivo” (Narciso, 29 anos, grifos nossos).</p> <p>“Eu acho que é muito fácil usar o que a Inteligência Artificial dá e deixar de lado o que você produz. Se você se deixa levar pela facilidade, acaba não produzindo texto autoral” (Jasmin, 25 anos, grifos nossos).</p> <p>“Ainda tem uma questão muito grande de autoria, isso é o mais desafiador, porque você não pode pegar a maneira que está lá e transcrever como se fosse você” (Dália, 23 anos, grifos nossos).</p>
Pensamento crítico [4]	<p>“A consciência de que essas partes de produção são fundamentais para a nossa formação, e que, quando a gente coloca isso na mão de uma Inteligência Artificial, a gente perde a autoria disso e perde esse tempo de aprendizagem que é tão importante” (Jasmin, 25 anos, grifos nossos).</p> <p>“Até mesmo para construirmos o pensamento crítico. Como vamos construir nosso pensamento crítico se só colocarmos o prompt e transcrevermos o que ela traz?” (Dália, 23 anos, grifos nossos).</p> <p>“Acabar deixando a Inteligência Artificial ser o agente principal do seu processo educativo, sendo que o agente deveria ser você mesmo, [...] acabar deixando ela fazer tudo por você e acabar com a sua própria autonomia” (Hortência, 23 anos, grifos nossos).</p>
Identificação do que foi produzido por IA [4]	<p>“Eu acho que essa questão de dividir o que seria feito por mim e por IA é mais difícil identificar para o leitor qual seria a parte de cada. [...] Essa questão de dividir, eu acho que seria difícil identificar, porque a questão é mais em conjunto mesmo” (Rosa, 23 anos, grifos nossos).</p> <p>“Não dá para saber o que de fato é seu e o que de fato foi escrito pela Inteligência Artificial, acho que isso é o que torna mais desafiador” (Íris, 22 anos, grifos nossos).</p> <p>“Eu imagino que não conseguisse, porque se é de forma híbrida, a pessoa traz o jeito dela, reescreve algumas partes. Eu acho que, atualmente, está mais difícil você conseguir identificar realmente” (Orquídea, 24 anos, grifos nossos).</p>
Veracidade das informações [2]	<p>“O mais desafiador é você ter a certeza daquilo que está sendo feito. Porque se você não conhece nada sobre o tema, se você não leu antes, se só jogou no IA e deixou que ele falasse sem saber o que você está falando, você não tem a certeza se aquilo realmente está certo” (Rosa, 23 anos, grifos nossos).</p> <p>“Claro que a gente sempre tem que ver a autoria direitinho. Às vezes, ele traz um artigo que nunca nem existiu” (Dália, 23 anos, grifos nossos).</p>

Quadro 3 – Categoria 2 – Desafios para escrita de texto híbrido [10] (conclusão)

Subcategoria	Unidade de contexto
Utilização de prompts/ comandos [2]	“Eu comecei a usar esses prompts , mas eu confesso que no início eu achei bem difícil” (Margarida, 22 anos, grifos nossos). “Necessita de pesquisa, necessita saber o que perguntar, saber o que pedir para a IA e para isso você precisa de uma base ” (Orquídea, 24 anos, grifos nossos).
Criatividade [1]	“É muito fácil deixar ela fazer tudo por você e acaba que a sua autoria, a sua autonomia e até a capacidade criativa vai também indo, os seus conhecimentos” (Hortência, 23 anos, grifos nossos).
Superficialidade das informações geradas [1]	“A Inteligência Artificial também é uma ferramenta falha. Então, às vezes, você pode colocar algo no seu texto que ali faz sentido, mas quando você vai ler uma obra por inteiro, um livro por inteiro, não faz tanto sentido, onde você colocou. Então, acaba ficando uma coisa muito superficial ” (Jasmin, 25 anos, grifos nossos).
Sintetizar informações [1]	“Tentar retirar as informações da IA. Como já vem muito completa as informações. [...] É muito difícil você mastigar as informações que a IA te deu e tentar colocar no texto para você escrever” (Narciso, 29 anos, grifos nossos).
Preguiça [1]	“Tentar não deixar tudo para a IA, digamos assim, não se apoiar tanto na IA, ter a minha produção e a produção da IA. Acho que para mim seria o mais desafiador não encostar nisso e deixar que só a IA escreva e acabar vindo algum tipo de preguiça ” (Margarida, 22 anos, grifos nossos).
Tempo [1]	“Tipo ‘não entendi, não sei o que tenho que fazer, não tive tempo , então vou colocar tudo aqui e vai sair o trabalho pronto.’ Acredito que seja isso. Ao mesmo tempo que a otimização de tempo é algo positivo, pode ser negativo também ” (Dália, 23 anos, grifos nossos).

Fonte: Autora com base na análise de conteúdo.

Apesar de possuir várias subcategorias, a de maior incidência apareceu em seis das dez entrevistas, mostrando grande variedade no grupo de desafios e reafirmando a necessidade de orientações sobre o uso da IAGen para promover a integridade acadêmica e científica. A mais citada pelos estudantes nesta categoria foi a “dependência da tecnologia” para a escrita de textos, o que corrobora as falas de Kasneci (2023), Teixeira (2025) Silva, La Marca e Lopes (2024) ao afirmarem que o uso indiscriminado desta ferramenta pode levar a problemas de integridade e prejudicar a aprendizagem dos indivíduos, gerando cada vez menos “interesse”, como exposto pela estudante Íris ao relatar que “[...] *tem muita gente na faculdade que quer as coisas de uma forma mais fácil, e aí só pede para a Inteligência Artificial fazer praticamente o trabalho todo por eles*”. “Se deixar levar”, se “acomodar” ou “não ficar tão dependente” diante da IAGen são aspectos desafiadores nas práticas que implicam produção de textos híbridos.

Ainda no que concerne à integridade acadêmica em suas diversas dimensões, foram apontadas as subcategorias “pensamento crítico” e “criatividade”, o que mostra a consciência dos universitários entrevistados sobre a interferência da IAGen no seu processo de ensino-aprendizagem, de forma que o desenvolvimento de habilidades importantes possa ser prejudicado. Teixeira (2025) e Lopes, Forgas e Cerdà-Navarro (2024) manifestam sua

preocupação quanto à autenticidade e o pensamento autônomo dos alunos ao reforçarem a necessidade de critérios e regulamentação ética para garantir que a ferramenta seja utilizada de maneira equilibrada, sem afetar negativamente a aprendizagem e criatividade dos estudantes.

No estudo de Kosmyna (2025) foram realizados testes com três grupos de estudantes que tinham a tarefa de escrever redações em 20 minutos, cada um com condições diferentes. O primeiro grupo produziu o texto sem o uso de ferramentas de busca ou IA; o segundo grupo fez o uso de ferramentas de busca como o Google; o terceiro grupo fez o uso de ferramentas de IA como o ChatGPT. Nos resultados da pesquisa, foi atestado que a atividade cerebral dos alunos que tinham apoio das tecnologias era consideravelmente mais baixa do que a do primeiro grupo, sendo o grupo que fez o texto com apoio da IA o que demonstrou menor atividade cerebral (Kosmyna *et al.*, 2025). Ademais, o grupo que não fez o uso dessas ferramentas apresentou ideias mais originais do que o restante, confirmando o que Teixeira (2025) e Lopes, Forgas e Cerdà-Navarro (2024) dizem sobre o uso da IA afetar a aprendizagem e o pensamento crítico dos estudantes. Os desafios expostos no Quadro 3, por vezes, estão acompanhados de unidades de contexto que também indicam as possibilidades de risco, a exemplo do trecho a seguir: “acabar com a sua própria autonomia”.

Além disso, Kasneci (2023) argumenta sobre a relevância da instrução humana no desenvolvimento das habilidades de resolução de problemas, do pensamento crítico e da criatividade, em consonância com o exposto por Meditsch (2008) na obra *Paulo Freire e o estudo da mídia: uma matriz abortada*. O referido texto revela que, de acordo com a concepção de Freire, a prática refletida e crítica é critério e também finalidade do conhecimento. Portanto, a teoria só faz sentido quando é articulada com a prática (Meditsch, 2008).

Outra subcategoria bastante mencionada foi a “autoria”. Como comunicado por Jasmim em sua entrevista, “[...] é muito fácil usar o que a Inteligência Artificial dá e deixar de lado o que você produz. Se você se deixa levar pela facilidade, acaba não produzindo texto autoral”. Trindade e Oliveira (2024), ao discorrerem sobre a ferramenta de IAGen mais popular no contexto atual (ChatGPT), evidenciam que a tecnologia desrespeita a propriedade intelectual de autoria, pois não sinaliza logo de início todas as fontes em que foram baseadas as respostas que entrega.

Além disso, os autores revelam que essa ferramenta de IA “sintetiza respostas/textos com informações falsas e imprecisas” (Trindade; Oliveira, 2024, p. 19), confirmando o que duas das entrevistadas apontaram ao comentarem sobre a “veracidade das informações” como um dos desafios do uso da IAGen para escrita de texto híbrido, fato que pode afetar a qualidade

das produções científicas e ir contra um dos princípios da FE/UnB, que prega que “[...] a busca da excelência acadêmica e do respeito aos cânones científicos deve ser constante, articulados ao estímulo à produção de novos conhecimentos que atentem para as problemáticas sociais atuais” (UnB, 2018, p. 17).

Kasneci (2023) reitera que os modelos de IAGen disponíveis atualmente podem aumentar a preguiça e diminuir o interesse dos alunos em desenvolver suas próprias investigações, em conformidade com o que os entrevistados na presente pesquisa disseram ao abordar a dificuldade para “sintetizar as informações” que a IA oferece e a “preguiça” que pode surgir ao se depararem com tamanha facilidade que a ferramenta proporciona. Ao mencionar os desafios da tecnologia, Jasmin conta que usar os textos que a IA entrega sem tê-los lido pode “*acabar ficando uma coisa muito superficial*”, atitude que, juntamente com as expostas anteriormente, impacta nas práticas informacionais das pessoas e nas competências em informação, como exposto por Trindade e Oliveira (2024).

Por conta da elevada complexidade do tema, é necessário destacar também as subcategorias que apareceram em duas ou mais categorias nas falas dos entrevistados, evidenciando a existência de diferentes perspectivas entre os estudantes e variadas formas de se relacionar com a tecnologia. Como apontado por Kasneci (2023), as IAGen possuem, ao mesmo tempo, grande potencial e grandes riscos e desafios, tornando esse uso algo muito complexo, fazendo-se necessária, portanto, a orientação constante para seu uso de maneira apropriada.

Enquanto cinco dos entrevistados apontaram a “identificação do que foi produzido por IA” como uma facilidade (Categoria 1B - Facilidades em relação ao texto híbrido), outros quatro estudantes disseram ser um desafio fazer essa diferenciação e informar o leitor desse uso de forma consciente nos trabalhos acadêmicos. A estudante Dália, ao comentar sobre o “tempo”, chamou atenção para o fato de que “*ao mesmo tempo que a otimização de tempo é algo positivo, pode ser negativo também*”, revelando a ambiguidade dessa subcategoria, que se encaixa tanto na categoria 1A (Facilidades de maneira geral) quanto na categoria 2 (Desafios na escrita de texto híbrido). A “utilização de *prompts/comandos*” também se tornou notável por aparecer em todas as categorias (1A, 1B e 2), mesmo que em baixa incidência e de forma equilibrada. Isso reforça a importância do planejamento de estratégias de busca como uma das “[...] habilidades informacionais necessárias para uso eficiente de tecnologias de IA Generativa em demandas informacionais de natureza acadêmica-científica” (Trindade; Oliveira, 2024, p. 22).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao explorar os dados da bibliografia estudada, é possível confirmar a rapidez com que tais tecnologias estão se popularizando nos últimos tempos. Na análise da revisão bibliográfica realizada por Teixeira (2025) em fontes de 2023 a 2025, foi revelado um aumento significativo do uso de IA por universitários no decorrer dos anos. Da mesma forma, uma pesquisa divulgada pela Revista Focus Brasil (2024) revelou que, dos 300 estudantes brasileiros entrevistados em 2023 a respeito do uso frequente da IA para atividades acadêmicas, 53% confirmaram que o faziam. No ano seguinte, o número de estudantes que faziam uso frequente aumentou para 71%, o que pode ter acontecido, entre outros fatores, devido à popularização e intensificação do acesso a tecnologias desse tipo entre os brasileiros (Conversion, 2025), por diferentes dispositivos (celulares), plataformas e *websites*. A presente pesquisa também mostra dados relevantes, pois todos os dez entrevistados fazem o uso da IAGen para escrita de textos, variando apenas a frequência de uso.

Apesar da tendência de ampliação da popularização, as ferramentas de IA ainda carecem de regulamentação, e os usuários necessitam urgentemente de capacitação para o uso adequado dessas tecnologias, principalmente no contexto acadêmico. Como evidenciado na presente pesquisa, o número de desafios (12) apontados pelos entrevistados a respeito da escrita de textos híbridos é significativamente maior do que as facilidades (4) mencionadas, confirmando mais uma vez o exposto pela Unesco (2024) sobre a necessidade emergente de orientações acerca da utilização da IAGen para escrita de textos nas universidades.

As subcategorias encontradas entre os desafios relatados pelos graduandos de Pedagogia ilustram como os estudantes demonstraram ter consciência das questões éticas que envolvem o uso da IA para a escrita em trabalhos na universidade. Apesar de ainda não possuírem as devidas orientações para o uso dessas ferramentas, a maioria dos entrevistados revelou preocupações pertinentes acerca da integridade científica, enfatizando valores como honestidade e transparência, necessários para o desenvolvimento adequado das atividades acadêmicas.

Trindade e Oliveira (2024) discorrem sobre as “habilidades informacionais” necessárias para o uso adequado da IA, e outros autores reforçam que a falta de orientação resulta em sérias questões de ética e segurança, em incertezas sobre a proteção dos dados coletados e em problemas acerca da integridade acadêmica (Kasneci, 2023; Lopes, 2023; Mainardes, 2023; Teixeira, 2025; Unesco, 2023). Dentre essas preocupações a respeito da integridade acadêmica e científica, podemos destacar que a prática da escrita de texto híbrido considera o risco de

plágio, assim como mencionado pela entrevistada Dália ao compartilhar que “[...] *ainda tem uma questão muito grande de autoria. [...] Ele vai trazer coisas que existem e que foi outra pessoa que escreveu*”.

O plágio foi mencionado por 90% dos estudantes entrevistados (9) de forma direta ou indireta, e diversos dos textos consultados abordam questões de autoria ou mencionam o risco de plágio como uma das principais considerações éticas necessárias ao se utilizar a Inteligência Artificial para escrita de textos acadêmico-científicos (Kasneci, 2023; Lopes, 2023; Mainardes, 2023; Teixeira, 2025; Unesco, 2023). Já que as respostas geradas podem vir carregadas de vieses, informações falsas e imprecisas, bem como deixar de indicar corretamente as fontes consultadas, o uso da IA no Ensino Superior exige elevada competência em informação por parte dos usuários da ferramenta (Trindade; Oliveira, 2024), fato que mostra a importância de investir em formações que preparem os docentes e discentes para o uso adequado das tecnologias. Com isso, será possível cumprir o que está proposto no PPP do curso de Pedagogia, cujo objetivo geral é o “[...] compromisso ético e inclusivo, responsabilidade social e histórica, reconhecedor da diversidade humana” (UnB, 2018, p. 35), seguindo os princípios da integridade acadêmica e científica na formação dos pedagogos.

Além disso, é interessante observar como a alta complexidade a respeito do tema da IAGen ocasionou ambiguidades em algumas das subcategorias reveladas, indicando a variedade de perspectiva entre os estudantes entrevistados e atestando a existência de diferentes maneiras de se apropriar das ferramentas de IAGen, ora como recurso que favorece as atividades acadêmicas, ora como complicações que podem impactar negativamente as práticas de ensino e aprendizagem. O próprio termo “texto híbrido” também gera certa ambiguidade, por ser bastante complexo, possuindo algumas especificidades como a existência do “texto de referencial próprio”, que acaba sendo uma espécie de mistura entre os tipos “texto artesanal” e “texto híbrido”.

Somadas a isso, algumas das subcategorias apontadas pelos estudantes apenas como facilidades podem acabar atrapalhando o seu desenvolvimento intelectual, tornando-se também um desafio. Por exemplo, a subcategoria “menor esforço”, que foi colocada pelos estudantes como um benefício da IAGen, mas é preciso muito cuidado ao utilizá-la, pois “[...] as informações geradas sem esforço podem afetar negativamente seu pensamento crítico e habilidades de resolução de problemas” (Kasneci *et al.*, 2023, seção 4.3). Outro aspecto apontado como facilitador é o levantamento bibliográfico, mas, embora as ferramentas

entreguem materiais pertinentes, muitas vezes são de fontes inexistentes (Lopes; Forgas; Cerdà-Navarro, 2024).

Para se afastar das práticas indevidas, são cruciais a instrução adequada e a comunicação humana nos processos de ensino-aprendizagem como um todo. Desse modo, como exposto por Meditsch (2008) ao discorrer sobre a concepção de Freire sobre a comunicação para o estudo da mídia, entende-se que não se pode realizar transferência de conhecimentos entre indivíduos como acontecem com as máquinas, confirmando a importância da comunicação humana *na e para* a aprendizagem:

Eu me ponho diante do diálogo como quem, pensando em torno do pensar, percebe que o pensar não se dá na solidão do sujeito pensante, porque, inclusive, o pensar se faz na medida em que ele se faz comunicante. Por isso mesmo é que, então, o pensar não acaba no pensamento, mas se dá em torno de um objeto que mediatiza a extensão de um primeiro pensante a um segundo pensante (Freire; Guimarães, 1984 *apud* Meditsch, 2008, p. 10).

Em síntese, conclui-se que os estudantes devem considerar os limites das ferramentas de IAGen ao utilizá-las para escrita de textos acadêmicos, e as Instituições de Ensino Superior e de pesquisa precisam tratar dessa prática urgentemente, porquanto envolva a participação de seres humanos concretos na realidade contemporânea (Lopes; Forgas; Cerdà-Navarro, 2023).

REFERÊNCIAS

- ASLAM, Aqib; EUGSTER, Johannes; HO, Giang; JAUMOTTE, Florence; PIAZZA, Roberto. Globalization helps spread knowledge and technology across borders. **IMF Blog**, [S. l.], 9 abr. 2018. Disponível em: <https://11nq.com/XnEIA>. Acesso em: 6 out. 2025.
- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 1977.
- BRASIL. Lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. **Diário Oficial da União**: Brasília, DF, Seção 1, p. 27833, 23 dez. 1996. Disponível em: <https://acesse.one/0FJpd>. Acesso em: 8 out. 2025
- BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular: Educação Infantil e ensino Fundamental / Ensino Médio. Brasília: MEC, 2018. Disponível em: <https://11nk.dev/FCC1N>. Acesso em: 8 out. 2025
- BRASIL. *Lei n. 14.533, de 11 de janeiro de 2023*. Institui a Política Nacional de Educação Digital e altera as Leis n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996, 9.448, de 14 de março de 1997, 10.260, de 12 de julho de 2001, e 10.753, de 30 de outubro de 2003. **Diário Oficial da União**: Brasília, DF, Seção 1, p. 6, 12 jan. 2023. Disponível em: <https://acesse.one/DKrg0>. Acesso em: 20 out. 2025.
- BRASIL, Emanuelle. Comissão aprova inclusão de conteúdo sobre Inteligência Artificial na formação de educadores. **Agência Câmara de Notícias**, [Brasília], 14 ago. 2025. Disponível em: <https://11nq.com/ZmU6Y>. Acesso em: 8 out. 2025.
- CARDOSO, Cristiane Alves. Currículo em movimento: um novo capítulo na história da educação pública do Distrito Federal. **Com Censo: Estudos Educacionais**, Brasília, v. 7, n. 3, p. 76-89, 2020. Disponível em: <https://acesse.one/x4n9M>. Acesso em: 1 dez. 2025.
- CLARO. **ChatGPT Plus**: Assinatura inclusa nos planos da Claro. São Paulo: Claro, [2025?]. Disponível em: <https://11nq.com/dDHeE>. Acesso em: 2 nov. 2025.
- CONVERSION. **Pesquisa Inteligência Artificial 2025**: dados e insights sobre o impacto da Inteligência Artificial na vida dos brasileiros. São Paulo: Conversion, maio 2025. Disponível em: <https://11nq.com/tPPOr>. Acesso em: 2 nov. 2025.
- COZMAN, Fabio G.; PLONSKI, Guilherme Ary; NERI, Hugo (org.). **Inteligência artificial: avanços e tendências**. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2021. DOI: 10.11606/9786587773131.
- DISTRITO FEDERAL. Secretaria de Estado de Educação (SEEDF). **Currículo em Movimento da Educação Básica – Ensino Fundamental Anos Finais**. Brasília: SEEDF, 2021. Disponível em: <https://11nk.dev/2Oo5G>. Acesso em: 8 out. 2025
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo dicionário da Língua Portuguesa**. 2. ed. rev. e aum. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

FOCUS BRASIL. Estudo revela aumento do uso de IA no ensino superior. **Revista Focus Brasil**, [S. l.], 20 ago. 2024. Disponível em: <https://s11nk.com/tjo6U>. Acesso em: 22 nov. 2025.

KASNECI, Enkelejda; SESSLER, Kathrin; KÜCHEMANN, Stefan; BANNERT, Maria; DEMENTIEVA, Daryna; FISCHER, Frank; GASSER, Urs; Groh, Georg; GÜNNEMANN, HÜLLERMEIER, Stephan Eyke; KRUSCHE, Stephan; KUTYNIOK, Gitta; MICHAELI, Tilman; NERDEL, Claudia; PFEFFER, Jürgen; POQUET, Oleksandra; SAILER, Michael; SCHMIDT, Albrecht; SEIDEL, Tina; STADLER, Matthias; KASNECI, Gjergji. ChatGPT for good? On opportunities and challenges of large language models for education. **Learning And Individual Differences**, [S. l.], v. 103, p. 1-9, Apr. 2023. DOI: 10.1016/j.lindif.2023.102274.

KOSMYNA, Nataliya; HAUPTMANN, Eugene; YUAN, Ye Tong; SITU, Jessica; LIAO, Xian-Hao; BERESNITZKY, Ashly Vivian; BRAUNSTEIN, Iris; MAES, Pattie. Your Brain on ChatGPT: Accumulation of Cognitive Debt when Using an AI Assistant for Essay Writing Task. **arXiv**, Cornell University, 2025. DOI: 10.48550/arXiv.2506.08872.

LOPES, Carlos. Ciberplágio. In: COMISSÃO DE ÉTICA EM PESQUISA da ANPEd (org.). **Ética e pesquisa em educação: subsídios**. Rio de Janeiro: ANPEd, 2023. v. 3, p. 63–74.

LOPES, Carlos; FORGAS, Rubén Comas; CERDÀ-NAVARRO, Antoni. A magia de escrever textos acadêmicos está ameaçada pela Inteligência Artificial? **Pesquisa em Foco**, São Luís, v. 28, n. 2, p. 119-147, jul./dez. 2023. DOI: 10.18817/pef.v28i2.3520.

LOPES, Carlos; FORGAS, Rubén Comas; CERDÀ-NAVARRO, Antoni. Tese de doutorado em educação escrita por Inteligência Artificial? **Revista Brasileira de Educação**, v. 29, 2024. DOI: 10.1590/S1413-24782024290065.

MAINARDES, Jefferson. **Ética, integridade e cultura de integridade**: reflexões a partir do contexto brasileiro. *Horizontes*, Itatiba, v. 41, n. 1, p. 1-23, 2023. DOI: 10.24933/horizontes.v41i1.1624.

MEDITSCH, Eduardo B. V. **Paulo Freire e o estudo da mídia**: uma matriz abortada. Biblioteca On-Line de Ciências da Comunicação (BOCC), 2008. Disponível em: <https://s11nk.com/sSXlg>. Acesso em: 12 jun. 2025

PEIXOTO, Raphaela. CNE deve aprovar diretrizes sobre o uso de IA nas escolas até agosto. **Correio Braziliense**, Brasília, 29 maio 2025. Disponível em: <https://s11nk.com/YMJ4O>. Acesso em: 8 out. 2025.

PEREIRA, Maurício Fernandes; MORITZ, Gilberto de Oliveira. Planejamento de cenários: a evolução do pensamento prospectivo. **Revista de Ciências da Administração**, Florianópolis, v. 7, n. 13, p. 131-147, jan./jul. 2005. Disponível em: <https://11nq.com/W3fpR>. Acesso em: 26 set. 2025

RICH, Elaine; KNIGHT, Kevin; NAIR, Shivashankar B. **Artificial intelligence**. 3. ed. New Delhi: Tata McGraw-Hill, 2009. ISBN 9780070087705.

RUSSELL, Stuart J.; NORVIG, Peter. **Artificial Intelligence: A Modern Approach**. 3. ed. Upper Saddle River, NJ: Prentice Hall, 2010. ISBN 0-13-604259-7.

SILVA, Maria Luise Britto da; LA MARCA, Anthony Ferreira; LOPES, Robson da Silva. Percepções da Inteligência Artificial Generativa na educação: um estudo sobre o uso entre universitários. *In: ESCOLA REGIONAL DE INFORMÁTICA DE MATO GROSSO (ERI-MT)*, 13., 2024, Alto Araguaia. **Anais [...]**. Porto Alegre: SBC, 2024. p. 108-113. DOI: 10.5753/eri-mt.2024.245844.

TEIXEIRA, Magno Felipe H. B. I.. *A utilização de Inteligência Artificial (IA) por estudantes universitários: uma revisão*. **Brazilian Journal of Development**, [S. l.], v. 11, n. 4, p. 1-17, 2025. DOI: <https://doi.org/10.34117/bjdv11n4-037>.

TRINDADE, Alessandra Stefane Cândido Elias; OLIVEIRA, Henry Poncio Cruz. Inteligência Artificial (IA) Generativa e competência em informação: Habilidades informacionais necessárias ao uso de ferramentas de IA Generativa em demandas informacionais de natureza acadêmica-científica. *Perspectivas em Ciência da Informação*, Belo Horizonte, v. 29, p. 1-27, 2024. DOI: 10.1590/1981-5344/47485.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA A EDUCAÇÃO, A CIÊNCIA E A CULTURA. **Guia para a IA generativa na educação e na pesquisa**. Paris: Unesco, 2024. Disponível em: <https://11nq.com/5T9WU>. Acesso em: 27 set. 2025

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA A EDUCAÇÃO, A CIÊNCIA E A CULTURA. **ChatGPT e Inteligência Artificial na Educação Superior: Guia de Início Rápido**. Caracas: Unesco, 2023. Disponível em: <https://11nq.com/yZKto>. Acesso em: 26 set. 2025

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA. Faculdade de Educação. **Projeto Político-Pedagógico do Curso de Pedagogia – Diurno**. Brasília: UnB, 2018. Disponível em: <https://11nq.com/asV8N>. Acesso em: 3 out. 2025.

UNIVERSITIES AUSTRALIA. **Academic integrity best practice principles**. Canberra: Universities Australia, 2017. Disponível em: <https://11nq.com/TtHPR>. Acesso em: 27 set. 2025

APÊNDICE A – Categorias de análise e respectivas subcategorias

Quadro 4 – Categoria 1A – Facilidades de maneira geral, que a ferramenta proporciona [10] (continua)

Subcategoria	Unidade de contexto
Modelos (modo de estudar, compreender por modelos) [6]	<p>“Eu pedi para a IA me dar algumas referências e imagens de mapa mental. Mas, agora, usar frases eu não usei. Só usei a imagem, o segmento do mapa mental” (Narciso, 29 anos, grifos nossos).</p> <p>“Talvez na questão de dicas mesmo, algo mais prático do que ir lá e ver uma videoaula no YouTube, talvez. Ir lá no IA e pesquisar dicas de português, por exemplo, para escrever, ou dicas de como escrever melhor” (Margarida, 22 anos, grifos nossos).</p> <p>“Eu acho que se você tem uma ideia e você coloca para a IA, ela vai te dar uma base. Você pode pegar aquilo de exemplo para desenvolver melhor a sua escrita. [...] você pode tomar aquilo como modelo” (Violeta, 22 anos, grifos nossos).</p> <p>“Eu estava com dificuldade para elaborar um resumo que abordasse tudo que eu precisava. Então, eu pedi exemplos de resumos, e, a partir deles, fui montando o texto dentro do tema da pesquisa e com os pontos que precisava ter” (Jasmin, 25 anos, grifos nossos).</p> <p>“Um exemplo, você vai fazer um memorial, pedisse para ela dar exemplos de memoriais, mas não pedir para ela fazer o teu memorial, sabe? [...] Ai ele me deu o modelo e com aquele esqueleto eu fui fazendo o meu texto” (Camélia, 21 anos, grifos nossos).</p> <p>“Eu já pedi para o Chat criar um parágrafo, criar um texto, criar uma introdução, para usar como inspiração [...]. Eu uso mais como um norteador, pra não deixar também ela tomar conta de mim, não deixar ela tomar conta da minha escrita” (Hortência, 23 anos, grifos nossos).</p>
Tempo [6]	<p>“Eu usei mesmo para facilitar mais a questão da leitura, para otimizar mais o meu tempo” (Narciso, 29 anos, grifos nossos).</p> <p>“Às vezes, eu não tenho tempo de estar lendo tudo. O Chat GPT, eu o uso mais por conta da facilidade e da praticidade que vai ter para diminuir esse tempo que eu teria” (Rosa, 23 anos, grifos nossos).</p> <p>“Acho que poupa tempo. [...] Então, no geral, é para facilitar, ter algumas facilidades e poupar tempo que eu poderia usar para outras coisas” (Jasmin, 25 anos, grifos nossos).</p> <p>“Eu acho que é uma forma de otimização de tempo e de facilidade” (Orquídea, 24 anos, grifos nossos).</p> <p>“Eu acho que pode ser uma ferramenta muito boa para otimização de tempo” (Dália, 23 anos, grifos nossos).</p> <p>“Eu acho que é uma ferramenta que não serve para me substituir de forma alguma, mas para auxiliar na otimização do tempo” (Camélia, 21 anos, grifos nossos).</p>
Levantamento bibliográfico [5]	<p>“Eu pedi para que o chat me desse artigos, resumos, referências bibliográficas dos últimos cinco anos para que eu coletasse e separasse para começar a dar início ao meu TCC” (Narciso, 29 anos, grifos nossos).</p> <p>“Eu acho que com esse apoio da IA seria algo mais prático, assim, para achar referências e a partir dessas referências conseguir escrever um texto, talvez até melhor. [...] O meu tema [...] é um tema que quase não tem texto, então eu usei mais para achar referências” (Margarida, 22 anos, grifos nossos).</p> <p>“Outra coisa que também uso é às vezes para organizar ou para alguma referência bibliográfica” (Jasmin, 25 anos, grifos nossos).</p> <p>“Eu tenho usado muito para pegar algumas referências. Eu estou fazendo o meu TCC e descobri um documento muito importante que mudou o rumo do meu TCC por causa do ChatGPT” (Dália, 23 anos, grifos nossos).</p>
Levantamento bibliográfico [5]	<p>“Eu uso no quesito de que quando estou com uma dúvida em algum texto ou estou precisando de alguma referência de algum texto, eu peço para o Chat me entregar” (Hortência, 23 anos, grifos nossos).</p>

Quadro 4 – Categoria 1A – Facilidades de maneira geral, que a ferramenta proporciona [10] (conclusão)

Subcategoria	Unidade de contexto
Formatação [5]	<p>“E eu também comecei a usar para montar referência de texto, que é uma coisa que eu tenho muita dificuldade ainda, eu nunca decoro a ordem, então às vezes eu jogo o texto lá para ele montar a referência certinho” (Margarida, 22 anos, grifos nossos).</p> <p>“Para eu organizar as referências é um jeito bom de utilizar. [...] tem como colocar tudo lá, e ele já organiza em ordem alfabética” (Jasmin, 25 anos, grifos nossos).</p> <p>“Eu utilizo Inteligência Artificial [...] também para organizar as referências e colocá-las dentro das normas da ABNT” (Orquídea, 24 anos, grifos nossos).</p> <p>“Acho que a facilidade é trazer aspectos muito importantes, como as referências. [...] Às vezes, eu coloco: ‘transcreva para as normas da ABNT’” (Dália, 23 anos, grifos nossos).</p> <p>“Nas questões das referências, buscas em termos, em coisas específicas de normas da ABNT” (Camélia, 21 anos, grifos nossos).</p>
Praticidade [3]	<p>“Acho que uma simples automação de tarefas, que é uma praticidade, uma facilidade, uma coisa bem prática que a gente tem em nossas mãos hoje em dia do que simplesmente sentar e ler um livro gigante. A gente pode fazer algo mais prático” (Rosa, 23 anos, grifos nossos).</p> <p>“Eu usei foi mais para facilitar mesmo, tanto a questão dos prompts quanto das referências, igual eu falei, eu tenho certa dificuldade ainda, é algo que é muito trabalhoso e eu tenho lido muitos textos, então acho que é mais um apoio. Eu utilizo para facilitar a minha vida” (Margarida, 22 anos, grifos nossos).</p> <p>“E na questão de otimizar arquivos, [...] quando eu preciso achar alguma parte específica em um texto [...] eu pedi para ele identificar onde estava aquela frase nas 30 páginas” (Camélia, 21 anos, grifos nossos).</p>
Resumos [3]	<p>“Muitas vezes eu mando para o Chat GPT e peço um resumo, quando eu não tenho tempo de ler, para que ele faça alguns resumos sobre aquele tema” (Rosa, 23 anos, grifos nossos).</p> <p>“Quando quero usar algum artigo e não tenho certeza se ele atende ao que estou precisando. Então, eu peço um ‘resuminho’ para saber se mais ou menos atende ao que quero, e, a partir daí, eu o leio todo” (Jasmin, 25 anos, grifos nossos).</p> <p>“Eu pedi para o Chat escrever [...] uma sinopse bem detalhada do filme, me auxiliar junto com os outros textos, porque eu não tive tempo de assistir mesmo” (Orquídea, 24 anos, grifos nossos).</p>
Pesquisas [2]	<p>“Eu uso mais para tentar tirar algumas informações, batendo com outras informações também que eu vou tirando de outros sites, como o Google Acadêmico e outros textos também que passaram pela gente, pelos docentes” (Narciso, 29 anos, grifos nossos).</p> <p>“Eu uso às vezes para pesquisar alguma coisa” (Jasmin, 25 anos, grifos nossos).</p>
Menor esforço [2]	<p>“Eu acho que uma facilidade seria mais no sentido de não ter que pensar tanto, porque eu vou está só [...] complementando” (Íris, 22 anos, grifos nossos).</p> <p>“Você teria um auxílio, você teria um apoio, sem ter que necessariamente ter todo o esforço de realmente estar escrevendo aquele texto, escrevendo aquela pesquisa sozinha” (Orquídea, 24 anos, grifos nossos).</p>
Utilização de prompts/ Comandos [1]	<p>“Seria mais fácil pelo fato das informações, você pedir aquilo que você quer, saber como pedir também para o IA: ‘eu quero tal, do ano tal. Me dê obras desse autor do ano de 2023, com base nesse tema’. Isso é muito facilitador para a gente” (Narciso, 29 anos, grifos nossos).</p>

Fonte: elaborado pela autora.

Quadro 5 – Categoria 1B – Facilidades na utilização da ferramenta em relação ao texto híbrido [4]

Subcategoria	Unidade de contexto
Revisão de texto [6]	<p>“Acho que a IA também corrige textos, então trazer uma correção, às vezes uma gramática melhor e tudo” (Margarida, 22 anos, grifos nossos).</p> <p>“Reestruturar algumas coisas, de mudar algumas coisas. Acho que a IA ajuda bastante em explicação de palavras, trocas de palavras, concordância, coerência” (Violeta, 22 anos, grifos nossos).</p> <p>“Eu escreveria e pediria para ele corrigir só alguns erros gramaticais ou algo do tipo. [...] Às vezes, eu escrevo minha redação e aí, como eu não tenho nenhum professor para corrigir elas, eu mando para o Chat e ele corrige” (Íris, 22 anos, grifos nossos).</p> <p>“A maior finalidade é para revisão de texto, para que o Chat coloque o trabalho, geralmente, para corrigir algum erro ortográfico” (Orquídea, 24 anos, grifos nossos).</p> <p>“Eu uso com o objetivo de corrigir ou de ter alguma ideia e ali eu toco adiante. Então, quando eu faço algum texto, eu peço para ele corrigir, mantendo a minha autoria, para ir com a ortografia certinha, as pontuações. Ou então eu jogo o que eu tenho na cabeça ali no ChatGPT para que ele me ajude a ter mais ideias” (Dália, 23 anos, grifos nossos).</p> <p>“Corrigindo, vendo se tem coesão, se está coerente, o que estou deixando faltar, [...] usar a Inteligência Artificial realmente como uma ferramenta, não para te entregar uma produção, mas para melhorar o que você mesmo produziu” (Hortência, 23 anos, grifos nossos).</p>
Identificação do que foi produzido por IA [5]	<p>“Eu acho que a pessoa consegue passar quem realmente escreveu aquela parte e que foi o ser humano que não escreveu, que foi a IA. Eu fazendo isso, com certeza eu falo assim: ‘gente, essa parte aqui eu retirei de algum texto, e eu pedi só a ajuda da IA para que me ajudasse nessa frase aqui, e coloquei a referência lá da IA’” (Narciso, 29 anos, grifos nossos).</p> <p>“Na faculdade, principalmente em Pedagogia, a gente acaba escrevendo muito, acho que é fácil a gente reconhecer o nosso texto e, nesse caso, um texto feito por um robô ou por outra pessoa” (Margarida, 22 anos, grifos nossos).</p> <p>“Acho que a minha escrita é muito diferente da escrita da IA. Pedindo já para elas fazerem algumas coisas, dá para perceber quando é IA e quando é de autoria própria” (Violeta, 22 anos, grifos nossos).</p> <p>“Pelo menos, a meu ver, fica muito claro quando um texto é produzido Por Inteligência Artificial, a forma de linguagem, principalmente para quem está na primeira graduação” (Jasmin, 25 anos, grifos nossos).</p> <p>“Eu sei que tem coisas que a IA traria de uma forma que eu não teria pensado. Ela ia trazer informações, conceitos de algo que provavelmente eu não teria imaginado, ela traz uma outra vertente, uma outra visão, então, acho que eu conseguiria sim, saber diferenciar” (Hortência, 23 anos, grifos nossos).</p>
Utilização de prompts/ Comandos [2]	<p>“Eu não tava sabendo como definir esse tema, então [...] eu coloquei palavras-chave e ele definiu o tema para mim. [...] Eu dou as palavras-chave e ele me ajuda” (Íris, 22 anos, grifos nossos).</p> <p>“Quando aprendi a usar a maneira certa de falar com ele, ficou bem mais fácil também” (Dália, 23 anos, grifos nossos).</p>
Organização de ideias [1]	<p>“Muitas das vezes, a gente está com a ideia ali centrada, [...] só que, na hora de colocar no papel, às vezes, uma palavra aqui encaixaria melhor. [...] a gente cria o texto, mas o IA transforma de um jeito que a gente queria dizer, [...] com palavras melhores às vezes” (Rosa, 23 anos, grifos nossos).</p>

Fonte: elaborado pela autora.

Quadro 6 – Categoria 2 – Desafios para escrita de texto híbrido [10] (continua)

Subcategoria	Unidade de contexto
Dependência da tecnologia [6]	<p>“Seria uma coisa de você não colocar a sua mente para funcionar e ficar muito dependente da tecnologia, principalmente da IA, ela te torna muito refém, principalmente quem está no final do curso, TCC” (Narciso, 29 anos, grifos nossos).</p> <p>“Eu acho que é se acomodar também, não conseguir fazer nada por conta própria, porque tem essa inteligência que faria tudo por mim. Se eu pedir para a escrever um artigo ou até um TFC, ela faria por mim, mas aí eu não faria nada” (Margarida, 22 anos, grifos nossos).</p> <p>“Talvez deixar se deixar levar, e deixar que a IA faça tudo” (Violeta, 22 anos, grifos nossos).</p> <p>“Se você se deixa levar pela facilidade, acaba não produzindo texto autoral. Acaba tudo meio que produzido pela Inteligência Artificial. Então, você precisa tomar sempre muito cuidado com o limite do aceitável” (Jasmin, 25 anos, grifos nossos).</p> <p>“Eu acho que seria [difícil] não ficar tão dependente da ferramenta, sabe? Porque a ferramenta vem como um facilitador, mas esse facilitador gera um vício também” (Camélia, 21 anos, grifos nossos).</p> <p>“Definitivamente você não se deixar levar pela IA. Isso de não deixar cair no erro, de deixar ela fazer tudo por você e se escorar, porque, quando é muita facilidade, a facilidade vem de uma forma tão simples” (Hortência, 23 anos, grifos nossos).</p>
Interesse [5]	<p>“Porque tem muitas vezes que tem trabalhos que a gente fala: - ‘meu Deus, esse trabalho é muito parecido com outro que eu fiz’, ou: - ‘Esse trabalho é chato, esse trabalho é cansativo’. Tem esse uso indevido justamente por ser algo chato de ser feito” (Rosa, 23 anos, grifos nossos).</p> <p>“Pode ser falta de interesse também, pode não saber o que vai ser feito, e aí acaba que tem uma ferramenta que vai fazer aquilo e te dá aquilo pronto em minutos, em segundos” (Violeta, 22 anos, grifos nossos).</p> <p>“A disposição de estar ali fazendo as coisas certinho, porque eu acho que também tem muita gente na faculdade que quer as coisas de uma forma mais fácil, e aí só pede para a Inteligência Artificial fazer praticamente o trabalho todo por eles” (Íris, 22 anos, grifos nossos).</p> <p>“Eu imagino que a primeira seria também falta de vontade, talvez por falta de interesse e/ou sobrecarga” (Orquídea, 24 anos, grifos nossos).</p> <p>“Como é uma facilidade, como é muito fácil, fácil acesso, fácil manipulação dessa ferramenta, então acho que alguns, realmente, só não têm o seu interesse em tentar fazer por conta própria” (Hortência, 23 anos, grifos nossos).</p>
Autoria [5]	<p>“Já vem tão pronto para você que dá vontade só mesmo de pegar toda aquela informação da IA e colocar no texto, porque está muito objetivo” (Narciso, 29 anos, grifos nossos).</p> <p>“Eu só acho que, às vezes, a gente pode cair em um limbo de usar muito e acabar não tendo textos próprios” (Margarida, 22 anos, grifos nossos).</p> <p>“Eu acho que é muito fácil usar o que a Inteligência Artificial dá e deixar de lado o que você produz. Se você se deixa levar pela facilidade, acaba não produzindo texto autoral” (Jasmin, 25 anos, grifos nossos).</p> <p>“Ainda tem uma questão muito grande de autoria, isso é o mais desafiador, porque você não pode pegar a maneira que está lá e transcrever como se fosse você” (Dália, 23 anos, grifos nossos).</p> <p>“Porque, quando é muita facilidade, a facilidade vem de uma forma tão simples, é muito fácil deixar ela fazer tudo por você e acaba que a sua autoria, a sua autonomia e até a capacidade criativa vão também indo, os seus conhecimentos” (Hortência, 23 anos, grifos nossos).</p>

Quadro 6 – Categoria 2 – Desafios para escrita de texto híbrido [10] (continuação)

Subcategoria	Unidade de contexto
Pensamento crítico [4]	<p>“A consciência de que essas partes de produção são fundamentais para a nossa formação e que, quando a gente coloca isso na mão de uma Inteligência Artificial, a gente perde a autoria disso e perde esse tempo de aprendizagem, que é tão importante” (Jasmin, 25 anos, grifos nossos).</p> <p>“Precisamos saber como usar, para que não fique 100% só IA [...]. Até mesmo para construirmos o pensamento crítico. Como vamos construir nosso pensamento crítico se só colocarmos o prompt e transcrevermos o que ela traz?” (Dália, 23 anos, grifos nossos).</p> <p>“Eu acho que se a pessoa não vai estar colocando a IA para gerar logo de primeira o texto que ela deveria estar escrevendo, o ponto crítico, a reflexão que ela deveria ter nessa escrita se perdem” (Camélia, 21 anos, grifos nossos).</p> <p>“Acabar deixando a Inteligência Artificial ser o agente principal do seu processo educativo, sendo que o agente deveria ser você mesmo, [...] acabar deixando ela fazer tudo por você e acabar com a sua própria autonomia” (Hortência, 23 anos, grifos nossos).</p>
Identificação do que foi produzido por IA [4]	<p>“Eu acho que essa questão de dividir o que seria feito por mim e por IA é mais difícil identificar para o leitor qual seria a parte de cada. [...] Essa questão de dividir, eu acho que seria difícil identificar, porque a questão é mais em conjunto mesmo” (Rosa, 23 anos, grifos nossos).</p> <p>“Não dá para saber o que de fato é seu e o que de fato foi escrito pela Inteligência Artificial, acho que isso é o que torna mais desafiador” (Íris, 22 anos, grifos nossos).</p> <p>“Eu imagino que não conseguisse, porque, se é de forma híbrida, a pessoa traz o jeito dela, reescreve algumas partes. Eu acho que, atualmente, está mais difícil você conseguir identificar realmente” (Orquídea, 24 anos, grifos nossos).</p> <p>“Eu acho que, quando você coloca um texto para uma Inteligência Artificial trabalhar por base nele, quando você escreve em si a primeira ideia, você consegue ver o que a IA fez ali. Agora, como eu mostrar para o leitor o que a IA fez e o que eu fiz, eu acho que eu teria essa dificuldade, sabe?” (Camélia, 21 anos, grifos nossos).</p>
Veracidade das informações [2]	<p>“O mais desafiador é você ter a certeza daquilo que está sendo feito. Porque, se você não conhece nada sobre o tema, se você não leu antes, se só jogou no IA e deixou que ela falasse sem saber o que você está falando, você não tem a certeza se aquilo realmente está certo” (Rosa, 23 anos, grifos nossos).</p> <p>“Claro que a gente sempre tem que ver a autoria direitinho. Às vezes, ela traz um artigo que nunca nem existiu” (Dália, 23 anos, grifos nossos).</p>
Utilização de prompts/ Comandos [2]	<p>“A minha orientadora, ela compartilhou comigo e com algumas colegas um documento [...] que são vários prompts de como a gente pode perguntar para o Chat coisas acadêmicas, seja para construir objetivos, essas coisas. Eu comecei a usar esses prompts, mas eu confesso que, no início, eu achei bem difícil de usar” (Margarida, 22 anos, grifos nossos).</p> <p>“Necessita de pesquisa, necessita saber o que perguntar, saber o que pedir para a IA e, para isso, você precisa de uma base” (Orquídea, 24 anos, grifos nossos).</p>
Criatividade [1]	<p>“É muito fácil deixar ela fazer tudo por você, e acaba que a sua autoria, a sua autonomia e até a capacidade criativa vão também indo, os seus conhecimentos” (Hortência, 23 anos, grifos nossos).</p>
Superficialidade das informações geradas [1]	<p>“A Inteligência Artificial também é uma ferramenta falha. Então, às vezes, você pode colocar algo no seu texto que ali faz sentido, mas, quando você vai ler uma obra por inteiro, um livro por inteiro, não faz tanto sentido onde você colocou. Então, acaba ficando uma coisa muito superficial” (Jasmin, 25 anos, grifos nossos).</p>

Quadro 6 – Categoria 2 – Desafios para escrita de texto híbrido [10] (conclusão)

Subcategoria	Unidade de contexto
Síntetizar informações [1]	“Tentar retirar as informações da IA. Como já vem muito completa as informações. [...] É muito difícil você mastigar as informações que a IA te deu e tentar colocar no texto para você escrever” (Narciso, 29 anos, grifos nossos).
Preguiça [1]	“Tentar não deixar tudo para a IA, digamos assim, não se apoiar tanto na IA, ter a minha produção e a produção da IA. Acho que, para mim, seria o mais desafiador não encostar nisso e deixar que só a IA escreva e acabar vindo algum tipo de preguiça ” (Margarida, 22 anos, grifos nossos).
Tempo [1]	“Tipo - ‘Não entendi, não sei o que tenho que fazer, não tive tempo , então vou colocar tudo aqui e vai sair o trabalho pronto’. Acredito que seja isso. Ao mesmo tempo que a otimização de tempo é algo positivo, pode ser negativo também ” (Dália, 23 anos, grifos nossos).

Fonte: elaborado pela autora.